Webtelejornalismo: telejornalismo na *web*[1]

Letícia RENAULT[2]

Universidade de Brasília, Brasília, DF.

RESUMO

Este artigo tem por objeto a migração dos telejornais produzidos pelas redes brasileiras de televisão aberta para a *web*. Entende-se por webtelejornalismo o telejornalismo produzido para ser divulgado na *web*. Ele pode ser compreendido como a fase hipertextual multimídia do telejornalismo tradicional produzido pelas maiores redes de televisão aberta no Brasil. O artigo descreve os atributos do atual webtelejornalismo no País.

PALAVRAS-CHAVE: webtelejornalismo; webtelejornal; telejornalismo; ciberespaço; *web*.

O webtelejornalismo pode ser compreendido como um conjunto de conhecimentos, rotinas e práticas jornalísticas que resulta na produção e exibição do webtelejornal. O webtelejornal é um cibermeio que tem por objetivo a divulgação de informação jornalística audiovisual. Ele cumpre, na *web*, o papel do telejornal, por isso pode ser considerado um desdobramento no ciberespaço do telejornalismo.

Os webtelejornais são conjuntos de páginas hipertextuais multimídia que se subdividem a partir de uma página principal, a *home*, que é como os internautas a denominam. Nela, há *links* para suas seções, ou seja, as demais páginas *web* que constituem os webtelejornais. As seções não devem ser comparadas a editorias de jornais impressos ou de telejornais. Elas são estruturas rizomáticas, ou seja, são caminhos hipertextuais heterogêneos que se conectam e permitem ao internauta percorrer o universo informativo do webtelejornal, abandoná-lo e retornar livremente enquanto navega pelo

---

[1]Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília. Mestre em Comunicação pela UFMG, onde se graduou em Jornalismo. Autora do livro Comunicação e Política nos Canais de Televisão do Poder Legislativo no Brasil, editora ALMG, 2007. Professora adjunta do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília onde leciona Jornalismo de Televisão, Introdução às Técnicas de Rádio e TV, entre outras disciplinas. ml_renault@yahoo.com.br

ciberespaço - o território virtual no qual se materializam as diversas práticas sociais, comunicativas, culturais e outras, a partir da existência da *web*. Um webtelejornal é um rizoma que pode ser interrompido, abandonado e retomado sempre que interessar ao internauta atualizá-lo virtualmente. (DELEUZE; GUATTARI, 1995)

A perspectiva de compreender o webtelejornal como uma migração do telejornal para o ciberespaço justifica a decisão etimológica de adotar a palavra *web* como prefixo para a palavra telejornalismo. Entende-se que, como prefixo, a palavra *web* exprime de forma mais clara o entendimento de que o webtelejornal é um cibermeio com um passado eletrônico na televisão. A palavra *web* cumpre essa função melhor, por exemplo, que o prefixo ciber[3].

O termo webtelejornalismo foi adotado para exprimir uma noção de continuidade entre meios de comunicação. Na segunda década do século XX, mais precisamente em 1923, quando o russo Vladimir Zworykin patenteou o tubo iconoscópio para câmera de televisão, invenção que viabilizou o início da teletransmissão de imagens, entendeu-se que se deveria nomear por televisão o aparelho que permitia ter uma visão de fatos distanciados geograficamente, fora do alcance dos olhos. Para tanto, somou-se o prefixo grego *tele*, que significa longe, distante, à palavra *visione*, visão, em latim, para designar, naquele início de século, a nova forma de visão mediada pela tecnologia.

O programa jornalístico televisivo foi nomeado como telejornal obedecendo à mesma lógica etimológica de unir um prefixo a uma forma de comunicação já existente, o jornal impresso. Com a chegada da comunicação no ciberespaço, compreende-se ser plausível propor que se some a palavra *web* ao telejornalismo, tendo em vista localizar-se no ambiente da *www*., face multimídia e visível da internet que modificou definitivamente a comunicação na sociedade contemporânea.

O webtelejornalismo brasileiro começou a se delinear em meados da primeira década do século XXI, quando alguns telejornais nacionais de emissão aberta em rede lançaram os primeiros endereços na *web* para disponibilizar reportagens já exibidas na televisão. Para efeito de análise, toma-se por objeto de estudo o webtelejornalismo produzido no País por três emissoras privadas nacionais: a Rede Bandeirantes de Rádio e Televisão, a Rede Globo de Televisão e a Rede Record de Televisão. Apesar de ser um fenômeno relativamente recente, encontrou-se dificuldade para precisar as datas exatas das primeiras experiências isoladas, pois elas acabaram sendo suplantadas pela chegada dos portais de internet, que passaram a reunir os conteúdos dos diversos gêneros produzidos pelas emissoras de televisão e a disponibilizá-los no ciberespaço. Por isso, tomou-se o

[3] O prefixo ciber vem da palavra de origem grega *kibernetike* que significa condutor, piloto. A palavra designava a condução adequada de uma embarcação. No século XX, a palavra cibernética foi adotada pelo matemático americano Norbert Wiener em seu livro "*Cibernética"* (1948) no qual a definiu como a ciência e a teoria do controle e da comunicação, no animal e na máquina.

dia 18 de setembro de 2006, como um marco referencial para o webtelejornalismo brasileiro, data em que entrou no ar o portal G1, que reuniu os conteúdos dos diversos veículos de informação das Organizações Globo[4]. Com o G1, migraram efetivamente para o ciberespaço, entre outros conteúdos, os dos telejornais nacionais produzidos pela Rede Globo de Televisão e a informação audiovisual na *web* passou a ser divulgada na mesma proporção do telejornal.

O Jornal Nacional anunciou sua migração para a *web* de forma discreta, pois, na verdade, ele já possuía um endereço na internet, anterior ao lançamento do GI. Em reportagem exibida no dia 18 de setembro de 2006, o telejornal anunciou a chegada do portal como nova fonte de informação em que *"o acesso a todos os vídeos de notícias e de curiosidades será de graça"* e explicou ao telespectador: *"Notícias de várias fontes: rádio, jornal, televisão. Tudo no mesmo endereço na internet. O portal G1 traz informações e imagens do que está acontecendo no momento"*[5].

A explicação sobre o funcionamento do portal não se referiu especificamente à migração do telejornal para a *web*, falou-se em televisão, mas, logo em seguida, a reportagem foi mais precisa, frisou que o acesso seria às *informações* e *imagens*, o que demarcou a possibilidade de se ter, no ciberespaço, a informação audiovisual jornalística a partir de uma fonte telejornalística. A chegada do portal marca uma nova fase no Jornal Nacional. A partir desse momento, ele passou cotidianamente a orientar a audiência a buscar ou complementar informações na sua página na *web*. Pode-se entender que, nessa nova etapa, o telejornal de maior audiência no País passou a dividir a missão de informar com um cibermeio.

Três anos depois, em 2009, mais duas emissoras nacionais lançaram portais na internet: a Rádio e Televisão Bandeirantes e a Rede Record de Televisão. O portal da TV Bandeirantes surgiu no dia 13 de julho com o objetivo de "*agrupar os sites de todos os veículos do grupo, incluindo emissoras de TV, rádios e jornais"*[6]. Entre esses *sites*, o do Jornal da Band, o telejornal mais antigo e de maior audiência da emissora. Já a TV Record, no dia 28 de setembro de 2009, lançou "*o mais novo portal de comunicação e de entretenimento do país",* informando que ele chegava *"à internet com a promessa de inovar na comunicação e apostar na prestação de serviço, como uma de suas prioridades"*[7]. Em 2010, todos os telejornais nacionais de emissão aberta em rede no horário nobre

[4] Fonte: *Site* Jornalistas na web. ***Globo lança o portal de notícias G1***. 18 set. 2006. 09h31. Disponível: http://www.jornalistasdaweb.com.br/index.php?pag=displayConteudo&idConteudoTipo=1&idConteudo=961_Acesso em: 31 mar. 2012.
[5] Fonte: Jornal Nacional. Edição de 18 set. 2006. ***Portal G1 entra no ar***. 18 set. 2006. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=yowGc49SmkI. Acesso em: 09 mar. 2012.
[6] Fonte: Versátil Comunicação Estratégica. ***Bandeirantes lança portal na internet***. Disponível em: http://www.versatilcomunicacao.com.br/versa/noticias_detalhe.asp?id=182. Acesso em: 09 mar. 2012.
[7] Fontes: *You Tube.* ***Record lança R7***. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=UnzGP11QRAM. Acesso em: 09 mar. 2012; e Publistron. ***Record lança R7***. 28 set. 2009. 18h19. Disponível em: http://www.publistorm.com/record-lanca-portal-r7/. Acesso em: 09 mar. 2012.

já possuíam *sites*. O G1 entrou em uma fase de expansão em que as páginas dos jornais locais das cidades de São Paulo e o Rio de Janeiro também foram integradas ao portal[8].

1.1 Webtelejornalismo: um problema para a pesquisa em jornalismo audiovisual

A *web* constituiu-se como um território de expansão para o telejornalismo. Hoje, quando o cidadão brasileiro busca informar-se pelo telejornal, ele pode fazer isto pelo computador pessoal ou pelo telefone celular. Não é obrigado a se submeter à instantaneidade televisiva e a esperar pelas notícias no horário fixado pela grade de programação das emissoras de televisão aberta, modelo que se convencionou chamar em inglês como *broadcast*[9]. Pode-se considerar que, até agora, nem mesmo a mudança para o patamar tecnológico da televisão digital impôs ao telejornalismo brasileiro modificações tão significativas no que se refere à exclusividade sobre a emissão de conteúdos telejornalísticos audiovisuais e à interação com o telespectador[10].

Com a internet, é possível acompanhar no atual estágio do telejornalismo no País um esforço duplo em busca de agregar o território simbólico da *web* ao do telejornal e, assim, acomodar o telejornal no ciberespaço. Nessa ação comunicativa, o telejornal passou a considerar o telespectador como um cidadão digital, ou seja, com habilidades para acessar o ciberespaço e nele decidir sobre como se informar. Nas emissões televisivas abertas diárias, os telejornais convidam, remetem e o estimulam a se informar pela *web* como uma forma de ampliar, no ciberespaço, o território de emissão e hegemonia do texto telejornalístico. Ao longo da história, o telejornalismo consolidou-se como informação audiovisual imediata, erigindo através do espectro eletromagnético um inventário de transmissões que permitiram à audiência de televisão transgredir a unidade de

[8]Fonte: G1. ***G1 ganha novo visual e maior integração com sites da TV Globo.*** *G1*. 15 abr. 2012. Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia-e-games/noticia/2010/04/g1-ganha-visual-novo-e-maior-integracao-com-sites-da-tv-globo.html. Acesso em: 01 out. 2010.

[9] Diferente de *narrowcast*, a transmissão fechada, que chega à casa do telespectador por cabo coaxial, fibra ótica ou, ainda, por miniantenas parabólicas, mediante o pagamento de uma mensalidade, o que caracteriza uma audiência segmentada. Sistema que no Brasil é chamado de televisão por assinatura ou televisão a cabo. Regido pela Lei 8.977\1995, da Cabodifusão, que também exige outorga do Congresso Nacional e sanção do presidente da República.

[10] O sistema de televisão digital não é objeto, nem objetivo deste trabalho. Neusa Amaral explica que a televisão digital não é um sistema de transmissão de televisão, mas um suporte tecnológico para o sistema televisivo seja ele aberto ou fechado. A autora considera que a televisão digital *"funciona como uma transição no caminho da convergência entre a televisão e o computador"* (AMARAL, 2004, p.59). A televisão digital oferece mais qualidade de imagem, de áudio e possibilidades de interatividade inexistentes no modelo analógico. No caso do cidadão que paga por uma assinatura de televisão a cabo, o suporte digital ampliou significativamente as opções de canais e conteúdos, notadamente de produção estrangeira. O padrão digital de televisão no Brasil foi oficialmente implantado no dia 2 de dezembro de 2007 com uma transmissão na cidade de São Paulo. Os experimentos e investimentos na televisão digital, no entanto, começaram bem antes. Na década final do século XX, emissoras de televisão brasileiras já trabalhavam com câmeras digitais e edição digitalizada. Pode-se considerar que houve um processo de implantação da televisão digital que se deu da produção para a emissão. Nesse processo, o mercado se antecipou ao marco governamental. O Brasil adotou o padrão digital criado pelo Japão, acrescido de tecnologias desenvolvidas por universidades brasileiras. Chama-se ISDB-TB, sigla adaptada de ISDB-T (*Integrated Services Digital Broadcasting Terrestrial*). Esse padrão caracteriza-se por mobilidade e portabilidade sem custo para o usuário. O Brasil decidiu seu padrão digital entre três modelos: o americano, o europeu e o japonês.

lugar e de tempo através das imagens. Do ambiente privado, o homem da segunda metade do século XX acompanhou os fatos que marcaram a vida em sociedade, na sua grande maioria, através das imagens do telejornalismo. Ao exibir imagens ao vivo, imediatas ao acontecimento, o telejornal é instantâneo, o que demanda acompanhamento simultâneo da exibição. Uma vez encerrado, o momento de exibição não permanece à disposição do telespectador, a não ser que ele utilize recursos acessórios de gravação e armazenamento. A instantaneidade e o imediatismo televisivos exigem disponibilidade do telespectador. Em busca de audiência e da fidelidade da audiência, o telejornal se organizou em função do tempo disponível na vida do homem da sociedade contemporânea: o horário do café da manhã, o almoço, o fim do dia, o *prime time*. Os horários do fluxo televisual voltado para a informação se tornaram habituais, familiares à vida social. O ciberespaço reorganiza o cenário de emissão-recepção da informação jornalística audiovisual permitindo que ela se mantenha virtualmente disponível.

A *web* quebrou a primazia do cinema e da televisão sobre a linguagem audiovisual. O ambiente hipertextual, multimidiático, capaz de aglutinar os diversos códigos linguísticos através da digitalização, é um espaço que demonstra uma natureza audiovisual. E através dessa natureza a *web* subverteu, porque solapou os padrões impostos historicamente pela televisão ao telejornalismo. A produção de jornalismo audiovisual está disseminada pela *web*. À medida que a banda larga[11] se expande, cada vez mais, permite a exibição de conteúdos de telejornais, que são as reportagens produzidas em vídeo editadas com duração entre 1:30'' a 3:00'',em média, no padrão adotado pelo telejornalismo brasileiro, tamanho que alcançou resolução e velocidade para a exibição na *web*.

Ainda no início da segunda metade do século XX, quando os estudos sobre comunicação emergiam, Marshall McLuhan percebeu que um meio tinha a possibilidade de influenciar o outro. McLuhan (2005, p.153) conta que o poeta inglês Dylan Thomas se surpreendeu *"quando descobriu que podia ler poesia no rádio"* e que *"tal descoberta transformou sua poesia, melhorando-a"*. Segundo McLuhan (2005, p.153), o poeta descobriu uma *"nova dimensão na sua linguagem, quando estabeleceu uma relação nova*

[11] O termo banda larga tem recebido diferentes explicações de acordo com o contexto tecnológico a que se refere. Esta pesquisa o utiliza para designar a conexão à internet com velocidade superior ao padrão das linhas telefônicas convencionais (56 Kbps - *kilobits* por segundo), o que permite transmitir dados com rapidez e alcançar conectividade à *web*. Permite a transmissão de imagens e áudios e, portanto, de conteúdos telejornalísticos. Pode-se considerar que só a partir da internet banda larga é que o webtelejornalismo pode ser desenvolvido. A banda larga trouxe não só maior capacidade de transmissão de conteúdos audiovisuais, como também ampliou a capacidade de armazená-los e deixá-los disponíveis para o internauta. A banda larga possibilitou, por exemplo, o surgimento de arquivos de conteúdos telejornalísticos nas páginas dos webtelejornais.

com o público". McLuhan (1974, p.71) registra que, *"à exceção da luz, todos os meios andam aos pares, um atuando como 'conteúdo' do outros"*. O autor compreendeu os meios de comunicação movidos a energia elétrica como extensões dos sentidos dos homens, meios estes que estabeleceram novos tipos de relações não apenas entre os indivíduos, mas também entre os próprios meios de comunicação utilizados pela sociedade (MCLUHAN, 1974). Regina Mota (2001) segue o raciocínio de McLuhan ao apontar a conversa narrada pelo jornalista Fernando Barbosa Lima na qual o cineasta Glauber Rocha demonstrou euforia com a potencialidade que enxergava na televisão:

> Quando a Excelsior entrou no ar, em 1962, o cineasta Glauber Rocha me telefonou dizendo: 'Fernando, a televisão vai ser a grande guardiã da democracia'. Nessa época, Fernando Barbosa Lima assumia a direção de jornalismo da emissora, tendo pela frente o desafio de repensar o telejornalismo, até então uma cópia dos jornais de rádio. Ele ressalta a importância que o rádio teve para a televisão brasileira, já que não se tinha uma indústria cinematográfica desenvolvida, como nos EUA e na Europa. (MOTA, 2001, p.78)

O ciberespaço expandiu as formas de representação, a memória, o registro da história, modificou e acelerou as trocas simbólicas entre os indivíduos. Ao analisar o processo de adaptação de obras de diversos gêneros para o cinema, Robert Stan considera que as adaptações fílmicas podem ser vistas como *"mutações"* que ajudam a obra original a *"sobreviver"* (STAM, 2005, p.3). Pode-se considerar que o modelo clássico de telejornalismo se encontra em um momento *"de esgarçamento do modelo precedente",* como aponta Antonio Fatorelli, ou de constituição de uma nova natureza, com contornos moldados pelo ciberespaço e em busca de um lugar de fala na matriz digital, na comunicação na *web,* ou via outras possíveis novas tecnologias de transmissão (FATORELLI, 2006, p.21). Os *sites* de webtelejornalismo podem ser considerados uma adaptação para o ciberespaço de uma fonte, ou seja, um canal de televisão que passa a exibir programas, telejornais e outros produtos audiovisuais na *web* ou, ainda, de um jornal impresso que, no ambiente do ciberespaço, passa a usufruir da linguagem audiovisual e produz conteúdos com imagens em movimento. Eles são considerados cibermeios.

Um cibermeio é o *site* que cumpre, na *web,* o papel dos meios de comunicação tradicionais. Os cibermeios são *sites* que têm por objetivo a produção e a divulgação de informações jornalísticas (LÓPEZ GARCIA; ALONSO; PALACIOS, 2007, p.19). Um cibermeio é caracterizado ainda pela conectividade e interatividade, pois o cidadão que

acessa a *web* assume um papel de participação ativa e tem possibilidades de atuação muito diversas do que é possível ao telespectador das redes de televisão aberta. Os cibermeios podem ser categorizados em dois tipos: os que representam na *web* os meios de comunicação convencionais e os que são desenvolvidos exclusivamente na e para a *web* (LÓPEZ GARCIA, 2005, p.21).

O webtelejornalismo brasileiro começou a se delinear bem antes da criação dos *sites* de telejornais. Primeiro, o computador substituiu as máquinas de escrever com as quais os jornalistas redigiam a parte escrita do texto telejornalístico. Em seguida, vieram as câmeras digitais, que gravam imagens e sons digitalmente, ou seja, capturam e registram imagens e sons em *bits* ou dígitos binários[12]. No início do século XXI, a digitalização foi introduzida no processo de edição de imagens e áudios na maioria dos telejornais de rede brasileiros. Processos eletrônicos analógicos e digitais conviveram durante toda a primeira década em uma fase de transição para a adoção definitiva de equipamentos para a produção digitalizada[13]. A digitalização chegou também aos arquivos das emissoras. E a *web* foi adotada como fonte para pesquisa e apuração na produção de notícias e de reportagens na televisão, muito antes que o telejornalismo se pusesse a empreender uma ação comunicativa em busca de espaço de enunciação no ciberespaço.

Os *sites* dedicados ao webtelejornalismo que interessam a este estudo podem ser classificados como de transposição. Os *sites* de transposição são aqueles que se originam de um meio de comunicação audiovisual. Um exemplo é o *site* de uma rede de televisão na *web*. Os *sites* de transposição têm uma natureza audiovisual, pois se originam de um meio de comunicação que produz e divulga imagens em movimento, a televisão. Os *sites* de transposição podem ser considerados uma adaptação para o ciberespaço de uma fonte, ou seja, uma rede ou um canal de televisão que passa a exibir programas, telejornais e outros produtos audiovisuais na *web* (LOPEZ GARCIA, 2005). Os *sites* de transposição

[12] A primeira forma de captação e gravação de imagens no telejornalismo foi o filme cinematográfico. Depois vieram as câmeras com som direto. Na década de 70 do século passado surgiram as câmeras leves que podiam ser usadas no ombro e incrementaram a reportagem de televisão com a gravação do som direto. O filme foi substituído pelas fitas de vídeo eletromagnéticas e o videoteipe foi anexado ao corpo da câmera. Esse tipo de equipamento deu origem à denominação 'jornalismo eletrônico'. Nesse processo foram se sucedendo os formatos de gravação *U-Matic*, *Betacam*, até surgir a captação em suporte digital. Os formatos digitais são *DVCam* e *XDCam* em alta definição. Os formatos digitais têm versões para gravação em *DVD*, *High Definition* e cartões. Essas versões demandam investimentos maiores das emissoras.

[13] A digitalização das rotinas produtivas nas redações de televisão aconteceu antes mesmo de o País optar por um modelo digital de emissão e recepção de conteúdos televisivos. No que se refere à recepção, o Brasil possui um parque televisivo gigantesco, ou seja, uma tal soma de aparelhos de televisão que vai demandar um grande investimento por parte da sociedade brasileira na troca destes aparelhos analógicos por digitais, que são mais caros. Diante disso, optou-se por desenvolver uma tecnologia que utiliza um conversor que, colocado no televisor analógico, permite a conversão e a recepção do sinal digital.

convergem para a *web* os conteúdos das grades de programação vertical e horizontal das emissoras de televisão.[14] Os webtelejornais podem ser considerados a face mais visível da fase multimídia do webjornalismo (CABRERA GONZALEZ, 2000)[15].

1.2 O webtelejornal como objeto de estudo

A observação apontou que dois critérios deveriam fundamentar a escolha do objeto de estudo no cenário atual dos webtelejornais no País: a demonstração de diversidade de elementos constituidores dos *sites* e uma perspectiva que considerasse a existência do telejornalismo como fonte de informação e produção simbólica, que se consolidou ao longo do tempo, e que passa por uma fase de migração e mutação imposta pelo novo paradigma comunicacional constituído no ciberespaço.

Diante disso, entre os webtelejornais brasileiros que materializam a migração para a *web* de conteúdos dos telejornais exibidos em rede no horário nobre pela televisão brasileira, quatro foram selecionados para compor o *corpus* de observação com vistas à análise. São eles: o webtelejornal da Band, o webtelejornal da Globo, o webtelejornal Nacional e webtelejornal da Record. O webtelejornal da Band pode ser acessado pelos endereços eletrônicos http://www.band.uol.com.br/jornaldaband/ ou ainda http://www.band.uol.com.br/, pelos quais se chega à sua página principal. Já o webtelejornal da Globo pode ser acessado pelo endereço do portal de notícias G1, www.g1.com.br, pelo qual se chega à sua página principal, assim como o terceiro webtelejornal observado, o webtelejornal Nacional. E por fim, foi observado também o

[14] A grade horizontal é a escala diária dos programas exibidos no período de uma semana. Já a grade vertical reúne os horários em que cada programa é levado ao ar ao longo de um dia de transmissões televisivas.

[15] Maria Angeles Cabrera Gonzalez (2000, p.75) identifica quatro fases de evolução do jornalismo no processo de apropriação dos recursos hipertextuais e multimidiáticos da *web*. Em uma primeira fase, os jornais são mera transposição das páginas impressas para o ambiente da internet, mediante a técnica de copiar digitalmente (escanear, digitalizar usando o *scanner*) páginas impressas. Essa autora denomina as primeiras versões de jornais impressos para a *web* de *fac-símiles*, ou seja, cópias estáticas que não aproveitam a multimidialidade do meio digital. A fase "fac-similar" evolui para a fase "adaptada", em que os jornais começam a utilizar o hipertexto interligando os textos por *links*. Em seguida, na fase "digital", os jornais, agora *on-line*, passam a utilizar um modelo criado para aproveitar algumas características da *web* e o resultado já é uma versão diferente da impressa. Os jornais *on-line* ganham uma identidade visual diversa do impresso e conteúdos específicos para *web*. É na fase digital que surgem as seções com notícias de última hora, atualizadas a todo momento; os espaços interativos em que jornalistas comentam e analisam fatos; e os internautas passam a marcar o território do webjornalismo com comentários e questionamentos sobre as notícias. Os webjornais passam a ser uma complementação do original impresso. A quarta fase identificada por Cabrera Gonzalez é a "multimídia", na qual as publicações exploram ao máximo as possibilidades de multimidialidade e interatividade do hipertexto e buscam integrar às reportagens escritas sons (áudio) e imagens em movimento (vídeo). Na fase multimídia o produto webjornalístico consegue se diferenciar por completo do jornal impresso que lhe originou. É apenas nessa quarta fase de evolução que o webjornalismo lança mão da linguagem audiovisual no esforço de informar ao público internauta, ao contrário dos *sites* de transposição, que já chegam à *web* divulgando informações audiovisuais (CABRERA GONZALES, 2000; CANAVILHAS, 2006).

webtelejornal da Record, acessado pelo endereço do portal de notícias R7, www.noticiasr7.com.br.

1.3 Características estruturais e atributos do webtelejornalismo brasileiro

Os webtelejornais brasileiros se apresentam como um conjunto de páginas *web* que constituem seções. As seções são possibilidades multimidiáticas em que conteúdos heterogêneos se conectam de forma múltipla para serem atualizados virtualmente. A seção exibe uma feição de multiplicidade e, ao mesmo tempo, caracteriza-se pela ruptura, ou seja, como rizoma pode ser abandonada, interrompida e retomada em outro momento. Do ponto de vista estrutural, em sua maioria, os webtelejornais analisados apresentam em suas páginas seções como: última edição, vídeos, atualização de notícias, seção especial, enquete, as mais lidas, contato com a redação, história, acesso ao arquivo de edições anteriores, material exclusivo para a *web* e informações sobre a equipe que produz o webtelejornal[16].

A seção relativa à última edição é o espaço destinado aos vídeos das reportagens que o telejornal exibe na emissora aberta e disponibiliza no ciberespaço. Os webtelejornais pesquisados disponibilizam o material levado ao ar no telejornal em lugar de destaque na página principal. A última edição se caracteriza por desmembrar o modelo de telejornal emitido em aberto e exibi-lo vídeo a vídeo. Cada reportagem audiovisual passa a ser uma unidade a ser acessada individualmente pelo internauta. Cada conteúdo audiovisual exibido é acompanhado de uma versão transcrita da reportagem. O texto escrito reitera o texto audiovisual. A seção *Última edição* inverte o modelo de exibição instantânea do telejornal. Ao disponibilizar as reportagens para a atualização virtual, essa seção prolonga, no ciberespaço, a existência da informação jornalística audiovisual. Uma vez escolhida a matéria a ser vista, o internauta pode ampliar o quadro. Maximizada, a informação audiovisual ocupa toda a tela do computador. É possível acessar, abrir, ver e rever de forma isolada cada uma das reportagens exibidas em uma edição. Os webtelejornais priorizam a organização visual da página para que, ao primeiro olhar, o internauta identifique a última edição.

[16] Para a análise empírica definiu-se uma amostra da qual constaram vinte e quatro edições de webtelejornais e suas respectivas edições televisivas. A técnica conhecida como semana construída foi utilizada para a seleção e recolha da amostra. O período de observação se concentrou entre os dias 11 de junho e 21 de julho de 2012.

Figura 1- Fac-símile da *home*, página inicial do webtelejornal Nacional em 09 out. 2010. Disponível em: www.G1.com.br. Acesso em: 09 out. 2010.

Na seção dedicada à atualização de notícias, o internauta encontra as informações atualizadas em tempo real. A seção é fruto da velocidade de conexão e do imediatismo da *web* e atualiza o internauta à medida que os fatos selecionados pelo jornalismo são transformados em acontecimentos noticiáveis. A atualização da informação constitui elemento novo trazido pelo webtelejornal ao universo do telejornalismo. Na sua origem, o telejornal em si não tem como ser atualizado fora do momento instantâneo de exibição na televisão. A atualização de informação na televisão exige a produção de um novo programa, que pode ser um boletim ou plantão de notícias utilizado nos intervalos comerciais das emissoras. Já na *web*, o noticiário pode ser atualizado a qualquer momento, pois o webtelejornal está inserido, conectado a uma estrutura rizomática, que é o portal. Se um fato é atualizado no portal, o webtelejornal se beneficia desta atualização.

A despeito de possuir a natureza da emissão ao vivo, alguns webtelejornais demonstraram ter tido dificuldade para se adaptar à possibilidade de rápida atualização das notícias no ciberespaço. No início da observação, alguns deles não conseguiam demonstrar capacidade de se atualizar, como se viu no webtelejornal da Record. Na atualidade, todos já conseguem atualizar as notícias, mesmo que demonstrem níveis diferentes na velocidade com que o fazem.

Por seção especial entende-se o espaço dedicado a destacar na página do *site* as séries de reportagens especiais feitas para televisão, que podem ser vistas a qualquer momento na *web*. Ao longo da pesquisa, a seção especial se expandiu nos webtelejornais brasileiros. No início, ela foi encontrada em apenas metade dos webtelejornais originados

do horário nobre da televisão brasileira.[17]A seção especial permite acesso individual às reportagens especiais, além de prolongar o acesso aos conteúdos, possibilidade inexistente na televisão aberta instantânea, em que, encerrada a exibição, a reportagem fica inacessível para o telespectador.

Já o material exclusivo para a *web* é a seção em que o internauta encontra conteúdo produzido especificamente para o webtelejornal. No início da observação, apenas o webtelejornal Nacional exibia material produzido exclusivamente para a *web*. O webtelejornal possui um *blog* por meio do qual passou a informar sobre os bastidores da produção das reportagens. O *web blog* é um conjunto de mensagens postadas em ordem decrescente, que pode ser comparado a um diário *on-line*. É popularmente conhecido como *blog* e se tornou muito utilizado. As mensagens podem ser postadas em texto corrido, fotografias ou vídeos. Este texto adotou o uso somente da palavra *blog*. No *blog* do webtelejornal Nacional, chamado de *JN Especial*, os repórteres registram impressões e as experiências que não são incluídas no conteúdo das reportagens.

Figura 2- Comentário postado no *blog JN Especial* do webtelejornal Nacional pelo jornalista Alfredo Bokel em 28 set. 2010. Disponível em: www.G1.com.br. Acesso em: 10 out. 2010.

[17] Eram os webtelejornais Nacional, da Record e SBT Brasil[17]. O webtelejornal Nacional, por exemplo, produzia conteúdo especial sobre o segundo turno das eleições 2010 e havia lançado um quadro dedicado a reportagens especiais, intitulado *JN no Ar*. Essa série de reportagens é produzida por equipes que viajam a bordo de um avião e buscam demonstrar velocidade e eficiência na cobertura diária, em uma clara analogia ao universo de conexão e velocidade da *web*.

A FIG. 2 exibe uma mensagem em que o jornalista relata no *blog* algo que lhe chamou a atenção durante a produção de uma reportagem no estado do Tocantins, no Centro-Oeste brasileiro: um hotel-fazenda para gado. A mensagem postada mantém critérios jornalísticos. Trata o fato como novidade, como inédito. Traz declarações de entrevistados e explica como o hotel funciona.

A despeito das diversas tecnologias que permitem ao telespectador gravar para manter conteúdos exibidos pelos telejornais, como os recursos atuais do sistema de televisão digital, o disco digital de vídeo, conhecido como DVD (*Digital Versatile Disc* ou *Digital Video Disc)* e o já superado videocassete (gravador caseiro de vídeo em fita eletromagnética), a *web* possibilitou o que pode ser considerado um novo tipo de acesso ao infinito arquivo audiovisual que as emissoras de televisão aberta produzem diariamente. Com a *web* e a capacidade de conexão ampliada, surgiu a possibilidade de se ver tudo que a televisão produz também na *web*. A despeito de as emissoras comerciais brasileiras operarem concessões públicas outorgadas pelo Estado, o acesso do cidadão aos arquivos das emissoras é difícil e desigual. Ao disponibilizar as edições nas páginas *web*, o webtelejornalismo mudou esse estado de coisas. A pesquisa por uma determinada reportagem pode ser feita pelo sistema de busca avançada, pelo calendário que em cada webtelejornal é situado em um determinado espaço da página inicial. No webtelejornal Nacional, por exemplo, a disponibilização de edições anteriores evoluiu durante o período de execução desta pesquisa.

A seção destinada às informações sobre a equipe reconfigura a prática histórica de informar sobre quem faz o jornal. Essa prática consolidou-se nos expedientes publicados na segunda página dos jornais impressos e nas matérias assinadas por repórteres e redatores. Os meios eletrônicos audiovisuais, como o cinema, o rádio e a televisão, criaram a ficha técnica para informar ao público sobre os autores, criadores e responsáveis legais pelo desenvolvimento e pela execução das produções. A ficha técnica, sonora ou audiovisual, aparece no final da exibição como uma forma de assinatura coletiva da obra. Mais que divulgar nomes dos profissionais que trabalham nos bastidores da produção, redação e organização do telejornal, a ficha técnica indica quem são os responsáveis legais pela apuração e divulgação do texto telejornalístico.

A seção que informa sobre a equipe responsável pelo webtelejornal trouxe uma nova função para a redação de televisão: a do editor de internet, jornalista responsável

exatamente pela migração do conteúdo do telejornal para a *web*. O editor de internet participa da reunião de pauta do telejornal, faz a transposição da edição aberta para a *web* e produz ou organiza os conteúdos exclusivos, além de atualizar o webtelejornal. [18]

A seção dedicada a possibilitar o contato com a redação também apresenta uma nova face ao telejornalismo. Historicamente, no Brasil, telejornais não divulgavam no ar seus endereços ou telefones para contato. No entanto, desde sempre, leitores, ouvintes e telespectadores buscaram se comunicar com os produtores de conteúdos nos meios de comunicação e fizeram isto através de cartas, telefonemas ou até mesmo indo às redações. A *web* trouxe novo estágio a essa interação, dando mais velocidade e encurtando a distância entre o internauta e os jornalistas. A seção para contato com a redação surgiu logo no início na maioria dos webtelejornais e se expandiu ao longo do período da pesquisa. Nos webtelejornais da Band, da Globo e Nacional chama-se *Fale conosco*. O Jornal da Record tem a *Entre em contato*. Assim como passou a receber sugestões e críticas dos internautas, o webtelejornalismo brasileiro criou seções com objetivos institucionais para narrar a própria história: data em que estreou no ar, perfil editorial, informações sobre coberturas históricas ou momentos de evolução tecnológica. O webtelejornal Nacional tem a seção *História*. Já o da Record fala sobre si na seção *O Programa*.

Na seção destinada a enquetes, o webtelejornalismo busca uma comunicação pontual com os internautas através de pesquisas rápidas e momentâneas. Os temas das enquetes propostas por essa seção são atrelados aos das reportagens do dia. O modelo de pergunta é fechado. O ambiente multimídia permite que o internauta dê opinião e saiba de imediato o resultado da enquete até o momento, como pode ser visto nessa figura. Os resultados das enquetes podem ser ou não utilizados nas edições abertas ou na *web*. Ao longo da pesquisa, a enquete do webtelejornal da Record se modificou. Em outubro de 2010 chamava-se *Debate* e apresentava duas opções de resposta. Transformou-se na seção *Votação*, com cinco opções de repostas dadas. Já o webtelejornal Nacional não possui mais a seção *O JN quer saber*, que exibia há dois anos.

[18] No início da pesquisa, metade dos webtelejornais originários de telejornais nacionais mantinha a seção que divulga os nomes e funções dos profissionais que formam as equipes envolvidas nas produções. Os demais se limitavam a informar apenas sobre os apresentadores. Hoje, com a expansão do webtelejornalismo, todos passaram a informar sobre suas equipes. A exceção é o webtelejornal da Band que, durante todo o período observado, se manteve informando ao internauta unicamente sobre seus três apresentadores.

Nas seções dedicadas aos anúncios e às reportagens mais vistas, o webtelejornal assume sua face de produção simbólica que compete publicamente pela atenção do público para se manter como um negócio na sociedade de economia capitalista. A feição de negócio no webtelejornalismo brasileiro se mostrou no seu nascedouro, ainda que de forma tímida, se observada na maioria dos webtelejornais. No início, a maioria deles não conseguiu repetir na *web* o modelo de negócio consolidado pela televisão aberta, ou seja, explorar a venda da publicidade exibida nos blocos comerciais. No entanto, esse modelo já se insinuava transposto para os *sites* que migraram para o ciberespaço os dois telejornais mais antigos da televisão brasileira.

Figura 3 - Parte superior da *home*, página inicial, do webtelejornal da Band exibia anúncio comercial em outubro de 2010. Disponível em: http://www.band.uol.com.br/jornaldaband/. Acesso em: 12 out. 2010.

Tão logo entraram no ar, os webtelejornais da Band e Nacional já vendiam espaços para anúncios comerciais em suas páginas. Clara demonstração de que a *web* representava para eles uma nova possibilidade de expansão do negócio da comunicação. Neles, o internauta encontrou, desde o início, publicidade no alto da página. Do ponto de vista do negócio, o webtelejornalismo brasileiro apresentou ainda outra marca: a venda de assinatura. A despeito de não ser regra, mas uma exceção, a venda de assinatura para ter acesso a conteúdo exclusivo ou à íntegra do webtelejornal, ou seja, como ela se dá na emissão aberta pela televisão, é adotada por um único webtelejornal. É o caso do webtelejornal Nacional, cujo acesso é universal, mas oferece acesso a mais conteúdos a quem paga a assinatura mensal. O acesso à exibição na íntegra do telejornal é bloqueado ao internauta que não é assinante.

Na fase inicial de migração para a *web*, em busca de uma feição no ciberespaço, o webtelejornal se apropriou logo das possibilidades hipertextuais que lhe auxiliassem em

alguma forma de demonstração de audiência. Uma marca disso é a seção destinada a destacar as reportagens que foram mais lidas. Essa seção destaca as reportagens mais acessadas pelos internautas. As reportagens são exibidas em vídeo e vêm sempre acompanhadas de uma transcrição em texto corrido. A despeito de as reportagens serem vistas pelo internauta, os webtelejornais se referem à leitura do material, *mais lidas*, numa alusão ao modelo copiado do webjornalismo, ou seja, o modelo adotado pelos *sites* criados pelos jornais impressos.

Considerações finais: O ambiente hipertextual multimídia reconfigura o telejornal. Uma vez disponíveis nas páginas dos webtelejornais, as reportagens se libertam do arcabouço do telejornal e ganham fluidez no ambiente hipertextual, que é fragmentado e rizomático. As reportagens se libertam dos blocos televisivos, da ancoragem que formata e centraliza a informação audiovisual e se reconfiguram como vídeos, que são unidades informativas à disposição do interesse e da ação do internauta, o que aponta um cenário de reconfiguração e expansão do telejornalismo, como campo de informação para a sociedade e de estudos para a academia.

Referências Bibliográficas

CABRERA GONZÁLEZ, M.A. **Convivencia de la prensa escrita y la prensa on line en su transición haciael modelo de comunicación multimídia**. 2000. Disponível em: http://www.ucm.es/info/perioI/Period_I/EMP/Numer_07/7-4-Comu/7-4 -01.htm. Acesso em: 01 mar. 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI; Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995. 96 p. (Coleção TRANS)

FATORELLI, Antonio; BRUNO, Fernanda (orgs.). **Limiares da imagem:** tecnologia e estética na cultura contemporânea**.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

LÓPEZ GARCIA, Guillermo (ed.). **El ecossistema digital:** Modelos de comunicación, nuevos medios y público en Internet. Valencia: Serviço de Publicações da Universidade de Valéncia. Valéncia: 2005. Disponível em: http://www.uv.es/demopode/libro1/EcosistemaDigital.pdf. Acesso em: 28 jun. 2010.

MCLUHAN, Herbert Marshall. Visão, som e fúria. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MOTA, Maria Regina de Paula. **A épica eletrônica de Glauber:** um estudo sobre cinema e TV. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

STAM, Robert. Introduction: the theory and practice of Adaptaition. In: STAM, Robert; RAENGO, Alessandra (eds.). **Literature and Film:** a guide to the theory and practice of film adaptation. Malden, Oxford, Carlton: Blackwell Publishing ltd, 2005.